

# O Amor em uma Perspectiva Histórica e Psicanalítica

Ezequiel Francisco Carvalho Viana<sup>1</sup>

**SUMÁRIO:** 1 Introdução e Referencial Teórico. 2 Resultados. 2.1 Perspectiva histórica. 2.2 Perspectiva psicanalítica. 3 Considerações Finais. 4 Referências.

**Resumo.** Este artigo tem como objetivo o estudo do amor em uma perspectiva histórica e psicanalítica. O método utilizado foi qualitativo e teórico, mediante a análise descritiva, delineada por meio de pesquisa científica bibliográfica em dois bancos de dados: Google Acadêmico e Capes. Como resultados, alcançou-se uma abordagem do amor desde o período clássico até a contemporaneidade. Nesse tópico, foi revisitado as diversas noções que se estabeleceram sobre o amor: filosófica, metafísica, cortês, mística, romântica, individualista, consumista. Posteriormente, foi compreendido como a Psicanálise teoriza o amor. Por fim, foram realizadas algumas considerações de base psicanalítica a respeito das noções modernas e contemporâneas a respeito do amor.

**Palavras-chave:** Romantismo. Psicanálise. Relações amorosas. Contemporaneidade.

## 1 Introdução e Referencial Teórico

O amor é um tema que atravessa toda a história. Através dos mitos, das religiões, da filosofia, da literatura, da música, da ciência, entre tantos outros meios, o homem tem dito algo sobre o amor. Platão, filósofo e matemático grego que viveu aproximadamente nos anos 400 a.C, já tinha o amor como objeto de estudo, dando a este noções metafísicas e filosóficas.

Desde Platão até a contemporaneidade, diversas noções se constituíram em torno do amor. Na Idade Média, o amor foi impregnado de valores místicos, em virtude da forte influência da Igreja Católica, especialmente com o pensamento do filósofo e

---

<sup>1</sup> Graduando em Psicologia. UNI7 – Centro Universitário 7 de Setembro, Fortaleza – CE. <ezequielvianaa@outlook.com >.

teólogo Tomás de Aquino. Nesse período, também, surgiu um tipo de amor bastante conhecido, denominado amor cortês. Na Modernidade, as noções românticas lançam as bases de um amor que norteiam as relações amorosas até hoje, embora, na contemporaneidade, em virtude, por exemplo da Revolução Sexual, novas noções tenham se instaurado, sendo possível verificar novas formas de amar que não sejam de cunho romântico (ARAÚJO, 2002; MELLO, 2011; CERQUEIRA; DA ROCHA, 2018; ARREGUY; GARCIA, 2012; RUSSO, 2011; FREIRE, 1999).

É na hiância entre o século XIX e XX que Freud (1856/1939), médico neurologista criador da Psicanálise, constrói um arcabouço teórico, cujo centro é o amor. Freud, em suas considerações teóricas, sempre articulou muito bem amor e sexualidade – apesar de que, com a formulação da teoria do narcisismo, posteriormente, associou o amor mais ao narcisismo (FREIRE, 1999). Foi a partir de casos de histeria de pacientes, as quais não conseguiam se expressar com palavras, mas sim com o corpo, que descreveu a energia da libido, que pode ser entendida como uma espécie de aptidão para o amor (RAVANELLO; MARTINEZ, 2013). Lacan (1901/1981, psicanalista francês, retomou a teoria freudiana e acrescentou muito conhecimento em torno do amor.

O presente artigo tem como objetivo o estudo do amor em uma perspectiva histórica e psicanalítica. Primeiramente, será feita uma abordagem do amor desde o período clássico até a contemporaneidade ou pós-modernidade. Nesse tópico, será estudado as diversas noções que se estabeleceram sobre o amor: filosófica, metafísica, cortês, mística, romântica, individualista, consumista. Posteriormente, após contextualizar historicamente as noções que se estabeleceram em torno do amor, será compreendido como a Psicanálise teoriza o amor. Por fim, será realizado algumas considerações a respeito das noções modernas e pós-modernas do amor a partir da perspectiva psicanalítica.

O método utilizado foi qualitativo e teórico, mediante a análise descritiva, delineada por meio de pesquisa científica bibliográfica em dois bancos de dados: Google Acadêmico e Capes. Como palavras-chave, de forma combinada, foram utilizadas:

amor + psicanálise + história + Freud + Psicologia. O critério de inclusão definido para a seleção dos artigos, dissertações ou teses foi, fundamentalmente, a capacidade de retratar uma abordagem histórica e/ou psicanalítica referente ao amor, com o intuito de reunir o conhecimento produzido sobre o tema explorado, sendo, posteriormente, os achados discutidos.

## **2 Resultados**

### **2.1 Perspectiva histórica**

Muito antes da Psicanálise de Freud ter sido fundada, saber este que teoriza o amor como sendo uma modalidade das pulsões sexuais (ZIMERMAN, 2010), os filósofos e escritores já pensavam o amor. Platão, por exemplo, na Grécia Antiga, aproximadamente 400 a.C, com sua obra O banquete, para denominar o amor daquelas pessoas que buscam no outro o seu complemento, isto é, sua alma gêmea, criou o conceito de amor-complementar. Por outro lado, diante daquelas que não responsabilizava o outro pela sua própria felicidade, mas sim que buscavam sua satisfação no bem ou em algo absoluto, libertando o indivíduo do sofrimento, criou o conceito do amor autêntico ou verdadeiro (SOPHIA, 2008).

Até a Idade Média, o amor não tinha relação com casamento. A motivação para este era muito mais ligada à ordem familiar do que influenciada por valores como escolha, prazer, amor ou paixão. Eram os pais que casavam os filhos, com o fito de beneficiar sua família. No período medieval, a Igreja instituiu o casamento que faz uso da sexualidade, no entanto impregnado de ideais como a virgindade, castidade e continência (ARAÚJO, 2002). O amor-cortês, por meio do exercício dos trovadores, durante o século XI e XII, assume uma posição que transcende o envolvimento sexual. Este, pelo contrário, é quase que descartado, na medida que a mulher era cultuada como um verdadeiro objeto do desejo (MELLO, 2011). O amor numa dimensão sagrada também marcou tal período, especialmente no pensamento do filósofo e teólogo Tomás de Aquino, o qual entendia a Criação como um grande ato de amor, sendo característica deste a pureza e a incondicionalidade. Dessa forma, a

amizade era associada ao amor, pois era uma relação que se estabelecia entre as pessoas marcada pela gratuidade (CERQUEIRA; DA ROCHA, 2018).

Com o Romantismo, no final do século XVIII e início do século XIX, após a ascensão do amor-paixão ocidental (erótico), e, posteriormente, em oposição, do casamento cristão, o amor é fortemente influenciado por valores como sofrimento, destino, fidelidade e submissão. Algumas características ainda são herdadas, como a idealização da figura amada, típica do amor cortês, no entanto, claramente, voltadas para o casamento, colocando o sujeito numa posição entre o erotismo e a moral cristã (ARREGUY; GARCIA, 2012). Nesse período, o casamento assumia motivações estritamente procriativas e patrimoniais, bem como patriarcais, ao passo que, após a Primeira Guerra Mundial, valores como erotismo, sentimentalismo, individualismo começam a substituir tais motivações (RUDIGER, 2012).

A partir do século XX, com a passagem do capitalismo de acumulação para o capitalismo de consumo (SOPHIA, 2008), o qual prega a liberação, a incitação do desejo e ao consumo, o amor estabelece uma íntima relação com o dinheiro: torna-se fabricado, interessado, uma experiência egoísta e individual – afinal, a individualidade é típica da Modernidade. O amor também se torna uma mercadoria (RUSSO, 2011).

Na contemporaneidade, em decorrência de diversas transformações na sociedade, como, por exemplo, a revolução sexual na década de 1960, as relações amorosas adquiriam um caráter imediatista, sensual, desprovido do sofrimento romântico. Nesse formato, as inúmeras experiências com diversos parceiros é o retrato da cultura de mercado atual, colocando o corpo como um objeto de consumo, explorado veementemente pela indústria cultural (ARREGUY; GARCIA, 2012), em detrimento de elementos do romantismo amoroso, como a família tradicional, o pudor, a vergonha, a repressão sexual, a o respeito pela intimidade, a sacralidade do matrimônio – voltado para a reprodução biológica (FREIRE, 1999).

## 2.2 Perspectiva psicanalítica

O amor tem uma profunda relação com o desejo. Este é constituinte do aparelho psíquico, é o que nos move neste mundo. A constituição psíquica humana é marcada por uma falta radical que a torna eternamente desejante. Ama-se por isto, portanto, com o objetivo de evitar a perda do objeto e a angústia que provém da sua separação. No entanto, o amor não é capaz de eliminar tal falta, pois o objeto do desejo foi perdido – sobram apenas seus resquícios associados às experiências satisfatórias na infância que o sujeito busca repetitivamente recuperá-lo, cabendo substitutos pleitearem sua posição, apesar de o desejo ser sempre o mesmo (FERREIRA, 2004; ONS, 2018).

Os objetos do amor que podem ser fonte de desejo são escolhidos a partir de uma identificação narcísica. Ama-se a si mesmo no outro, isto é, ama-se o que se é, o que se foi, o que se gostaria de ser e alguém que foi parte de si mesmo. Ama-se também no outro a figura do pai ou da mãe, na função de proteção e alimentação, respectivamente (FERREIRA, 2004).

O amor mostra-se em repetições infantis. Busca-se, por meio dele, uma experiência de felicidade supostamente perdida. Por isso, o amor foi inventado. No entanto, é incapaz de proporcionar tal experiência, na medida que a própria constituição humana não permite e as relações interpessoais configuram-se como um dos mais penosos sofrimentos na vida (PAZ, 2009).

Sabe-se, porém, que evitá-lo não é o melhor caminho. Adoece-se por falta de amor, isto é, por frustrações advindas dele. Não é assim com as histéricas (PAZ, 2009)? Saber quem se ama verdadeiramente, o porquê de não se conseguir empreitar um relacionamento com a pessoa amada, se isto deve ser feito ou não, e, principalmente, o porquê de continuar-se amando a quem faz mal, são questões que levam as pessoas à análise (RAVANELLO; MARTINEZ, 2013).

O amor é interdito, resultando daí todos os problemas advindos dele. O amor, no campo edípico, mostra que a criança não é capaz de se colocar como suplência ao

que falta aos pais. Da mesma forma, nos casos de histeria, as mulheres não conseguiam realizar seu desejo, fruto de uma ausência na reciprocidade amorosa. No amor de transferência, o analista é orientado a não corresponder ao sentimento afetivo que o analisando pode lhe dirigir, o que esclarece a interdição constitutiva do amor (SILVA, 2015).

A complementaridade amorosa visa esconder a impossibilidade do amor. O amor cortês, sem dúvidas, é o maior exemplo disso. Ele revela a impossibilidade da correspondência amorosa, na qual a dama está sempre distante, destacando a privação e a frustração pela qual passa o enamorado. Há maneiras diferentes de amar, desejar e gozar entre os sexos que dificulta o verdadeiro encontro. É por isso que se entende a não existência da relação sexual, a qual, paradoxalmente, não impede que o sujeito continue acreditando em sua existência e possibilita o amor na tentativa de suprir tal inexistência. Pode-se dizer que são encontros que buscam velar as não relações. Assim, o amor envolve interdições, impossibilidades, idealizações, fantasias, falta. (KUSS, 2014; MURTA, 2006; MAIA; CALDAS, 2011).

A ambivalência é outra característica importante do amor: há aspectos construtivos e devastadores. Não se pode falar do amor sem lembrar de atos hostis que já foram realizados em seu nome. Eros (amor) e Tânatos (morte) são inseparáveis e os dois juntos revelam a complexidade do ser humano (FREITAS, RUDGE, 2011).

Diante disso, a saída é a busca por um amor que permeie o possível. A análise, sem dúvidas, é a via, pela qual irá se atingir esse fim, na medida que provoca desidentificações, as quais permitem libertar o sujeito das restrições que o faz repetir, e, por conseguinte, decepcionar-se. Amar de uma forma mais digna e singular implica outra alternativa que não seja a da completude e perfeição (ASSIS, 2014).

### **3 Considerações Finais**

Percebemos que, desde o Período Clássico até a contemporaneidade, o amor vem assumindo diferentes noções. Nesse sentido, nos atentamos para sua dimensão histórica, a qual revela sua posição de invenção humana, como explica Ferreira

(2004). Compreendemos, assim, que o amor não constitui psicicamente o ser humano, mas sim o desejo. Por meio do amor, o desejo tenta suprir a falta, embora, não alcance êxito total, uma vez que a falta é parte também do aparelho psíquico. Amor e desejo parecem não estarem em consonância totalmente.

De fato, a Psicanálise, ao negar a possibilidade da completude humana, desconstrói o ideal amoroso de complementaridade entre os sexos, cujos resquícios permanecem até hoje. Se por um lado, afirma o narcisismo do sujeito, o qual o impele à completude, ao ilimitado, ao tudo, à felicidade, por outro, atesta uma imbricação entre amor e um impasse, um desencontro, um impossível, na medida que somos seres pulsionais. Assim, compartilha, de certo modo, da interdição amorosa que acontece na literatura romântica – as quais falam de amores impossíveis-, mas reafirma, em contrapartida, que, no campo do amor, são impossíveis a realização e a satisfação completa. Logo, se somos seres faltantes, no ato de amar, damos o que não temos (KUSS, 2011; PAZ, 2009).

Embora as noções românticas em torno do amor não tenham se extinguido completamente no contexto contemporâneo, as relações amorosas sofreram um profundo processo de transformação, revelando-se consumistas, sensuais, imediatistas, enfim, baseada em um amor livre, como apontam Arreguy e Garcia (2012) e Freire (1999). Da mesma forma que o saber psicanalítico se coloca como um obstáculo à complementaridade amorosa como via de felicidade para o sujeito no Romantismo, assim também, na contemporaneidade, a Psicanálise vem questionar o ideal de liberdade que se instaurou nas relações amorosas. Se, por um lado, no tempo de Freud, tínhamos uma sexualidade reprimida, proibida, não livre, atualmente, observamos o imperativo do gozo, no qual o sujeito busca experimentar prazeres inéditos cada vez maiores, regido pela lógica mercadológica do amor (ONS, 2018; ARREGUY; GARCIA, 2012). Não é assim que observamos a atuação da “mídia da paixão”, seja nas músicas, nos filmes, nas novelas, nos seriados ou nos romances, perpassada pela provocação intensa de sensações, por meio de um prazer hipotético imediato? Será, de fato, o sujeito contemporâneo mais livre ou obediente a lógica do gozo?

## 4 Referências

ARAUJO, Maria de Fátima. Amor, casamento e sexualidade: velhas e novas configurações. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 22, n. 2, p. 70-77, jun. 2002.

ARREGUY, Marília Etienne; GARCIA, Claudia Amorim. The absence of jealousy as a cultural ideal: clinical reflections about the subjective fragility evoked by love in present times. **Physis**, Rio de Janeiro, v.22, n. 2, p. 755-778, Jun. 2012.

ASSIS, Marcia. About love, desire and partners. **Stylus (Rio J.)**, Rio de Janeiro, n. 28, p. 91-96, jun. 2014.

CERQUEIRA, I.C.; DA ROCHA, F.N. Amor e relacionamentos amorosos no olhar da psicologia. **Mosaico**, v.9, n. 2, p. 10-17, jul./dez. 2018.

COSTA, Jurandir Freire. As práticas amorosas na contemporaneidade. In: **Psychê – Revista de Psicanálise**, Ano III., nº 03, São Paulo, 1999.

FERREIRA, Nádia Paulo. **A teoria do amor na psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

FREITAS, Adelina Lima. RUDGE, Ana Maria. O supereu entre o amor e o gozo. **Tempo psicanal.**, Rio de Janeiro, v. 43, n.2, p. 244-267, dez. 2011.

KUSS, Ana Suy Sesarino. **Amor e desejo: um estudo psicanalítico**. Dissertação defendida no programa de pós-graduação em teoria psicanalítica da Universidade Federal do Paraná, 2014.

MAIA, Maria Angela Mársico; Caldas, Heloísa. Love as a semblant. **Arq. Bras. Psicol.**, Rio de Janeiro, v. 63, n. 3, p. 107-116, 2011.

MELLO, Carlos Antônio Andrade. Impasses do amor cortês. **Reverso**, Belo Horizonte, v. 33, n. 62, p. 23-27, set. 2011.

MURTA, Claudia. Love between philosophy and psychoanalysis. **Rev. Dep. Psicol.**, Niterói, v. 18, n. 1, p. 57-70, Jun. 2006.

ONS, Sílvia. **Tudo o que você precisa saber sobre Psicanálise**. São Paulo: Planeta Brasil, 2018.

PAZ, Beatriz Coelho. **Freud e o amor: do ideal ao impossível – um diálogo entre psicanálise e romantismo**. Dissertação (Mestrado em Teoria Psicanalítica) defendida no programa de pós-graduação em teoria psicanalítica da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2009.



RAVANELLO, Tiago; MARTINEZ, Marisa de Costa. Sobre o campo amoroso: um estudo do amor na teoria freudiana. **Cad. psicanal.**, Rio de Janeiro , v. 35, n. 29, p. 159-183, dez. 2013.

RUDIGER, Francisco. Love in the twentieth century: democratic romanticism versus therapeutic intimacy. **Tempo soc.**, São Paulo , v. 24, n. 2, p. 149-168, Nov. 2012.

RUSSO, Gláucia. Love and money: a possible relationship?. **Cad. CRH**, Salvador , v. 24, n. 61, p. 121-134, Apr. 2011.

SILVA, Renato de Oliveira. Love in psychoanalysis: considerations about the movie *Tristana*, by Luis Bunuel. **Trivium**, Rio de Janeiro , v. 7, n. 2, p. 298-315, Dec. 2015.

SOPHIA, Eglacy Cristina. **Amor Patológico: aspectos clínicos e de personalidade**. Dissertação de mestrado não publicada, Universidade de São Paulo, Faculdade de Medicina, São Paulo, Brasil, 2008.

ZIMERMAN, David. **Os quatro vínculos, amor, ódio, conhecimento, reconhecimento: na psicanálise e em nossas vidas**. Porto Alegre: Artmed, 2010.